

Palladinum

Pesadelo Perpétuo

© 2011 Marcelo Amaral

Todos os direitos reservados

Edição: Ana Cristina Rodrigues

Revisão: Tomaz Adour

Capa e Ilustrações: Marcelo Amaral

Amaral, Marcelo

Palladium: Pesadelo Perpétuo / Marcelo Amaral

- Rio de Janeiro: Vermelho Marinho

ISBN – 978-85-64298-42-2

1. Romance brasileiro I. Título CDD-869-93

1ª edição, 2011

Llyr Editorial é um selo da EDITORA VERMELHO MARINHO

Editora Vermelho Marinho Usina de Letras LTDA

Rio de Janeiro - Departamento Editorial:

Rua Olga, 152 - Loja B - Bonsucesso - Rio de Janeiro - RJ

CEP: 21041-140 - Telefone: (21) 2260-4776

www.vermelhomarinho.com.br

Palladinum

Pesadelo Perpétuo

Marcelo Amaral



VERMELHO MARINHO

 **LLYR EDITORIAL**

Rio de Janeiro
2011

Para Carol, Lucas e Cecília.

E para todos aqueles que sonham.

Parte 1

Deste Lado





Capítulo 1

Sonhos e Pesadelos

Com as mãos pousadas sobre os olhos, Juliana contemplava as luzinhas brancas que desenhavam formas geométricas dentro de sua cabeça. Adorava fazer aquilo enquanto aguardava o sono chegar.

Quando finalmente adormeceu, a menina continuava a ser capaz de sentir-se deitada sobre sua cama, coberta por uma manta que a deixava bem aquecida. Ouvia a chuva bater de leve na janela do quarto, produzindo um ruído fino que se misturava ao chiado profundo saído de seu peito. Suas vias respiratórias teimavam em causar-lhe seguidos transtornos, recusando-se a bombear o ar para dentro de seus pulmões de maneira adequada.

Já era a quarta vez que Juliana ficava gripada naquele ano; e olha que ainda estavam no início de março! Isto sem falar das crises alérgicas, da asma, da enxaqueca, da bronquite, da sinusite... Enquanto passeava por seus sonhos, a menina riu ao lembrar-se do comentário que ela própria fizera aos colegas de escola naquele mesmo dia, quando brincou que teria sorte se sobrevivesse até seu próximo aniversário, quando faria treze anos.

Achava divertido perder-se em meio a tantos pensamentos mesmo enquanto dormia profundamente. Não eram raras as ocasiões em que sua mente fervilhava durante o sono, fazendo brotar as ideias mais mirabolantes para os artigos que ela escrevia para o jornalzinho da escola. Sempre que isto acontecia, seguia-se um breve ritual: logo ao acordar, a menina se apressava em anotar tudo com o que havia acabado de sonhar num bloquinho que mantinha ao lado da cama, não deixando, assim, que qualquer detalhe lhe escapasse.

Também não era algo incomum Juliana confundir seus sonhos com a realidade. Agora mesmo ela estava na dúvida se o barulho da chuva e o friozinho gostoso que

estava sentindo naquele momento não seriam apenas frutos de sua imaginação, já que pouco antes de ir se deitar sentira-se agoniada com o calor intenso do final de verão.

A jovem só teve a certeza de que estava realmente sonhando ao descobrir-se dentro de uma enorme caverna cujas paredes eram tomadas por estranhos desenhos. Ciente de que nada de mal poderia lhe acontecer, Juliana resolveu explorar o local.

Afinal, isso aqui é só um sonho mesmo.

Enquanto caminhava, observou os desenhos nas paredes e imaginou que teriam sido feitos há muito tempo, por algum povo primitivo. Decidiu que se ainda conseguisse lembrar de algum deles ao acordar, faria um desenho igual.

Não tardou até que o ambiente fosse tomado por gritos de comemoração que vinham do fundo da caverna. Juliana se aproximou de um grupo de pessoas que julgou ser formado por pesquisadores. Observou atentamente quando uma mulher jovem, de semblante eufórico, ergueu um objeto de aparência sinistra, cujo formato lembrava um crânio humano. O rosto da moça lhe parecia familiar, mas antes que a menina pudesse verificar melhor o que acontecia ali, viu-se transportada para um outro local, carregada contra a sua vontade pelas curiosas energias que regem os nossos sonhos.

Agora ela estava em sua escola, sentada numa carteira ao fundo da sala de aula. Aquela não era a sua mesa, pois só se sentava na primeira fileira. Não que a menina precisasse disso para ser uma boa aluna, mas a verdade é que ela não tinha opção: de tão míope que era, sentar-se longe do quadro-negro era dor de cabeça certa.

Já era noite e não havia outros alunos ali. Não era a primeira vez que Juliana sonhava com sua escola, mas achou engraçado ver a sala de aula daquele jeito, tão vazia e escura. Os corredores, o pátio, a cantina... Tudo completamente deserto.

Um ruído irritante de giz raspando no quadro-negro chamou-lhe a atenção. Alguém escrevia uma frase qualquer, impossível de ser lida de onde a menina estava sentada. Juliana também não era capaz de identificar quem estava na sala com ela. Não saberia dizer se era um homem ou uma mulher; tudo o que ela via era um borrão alvo que se movia de maneira apressada. A princípio achou que isso seria fruto de sua mioopia, mas logo se deu conta de como tal pensamento era estúpido.

Ainda não estou tão cega a ponto de precisar de óculos para enxergar nos meus próprios sonhos...

O vulto ignorava sua presença tanto quanto as pessoas na caverna o fizeram. Movida pela curiosidade, a jovem decidiu se aproximar do quadro-negro para poder ler o que estava sendo escrito ali. A cada passo, o vulto ganhava os contornos de uma mulher bastante idosa, que Juliana desconhecia. Tratava-se de uma figura curvada, fantasmagórica. Um arrepio gelado percorreu a espinha da garota quando ela começou a ouvir o choro da velha. Era um som agudo, carregado de rancor.

Juliana deteve-se quando a mulher se pôs a olhar para ela, sem interromper a escrita no quadro. Os olhos da criatura eram brancos e sem vida; o rosto azulado de tão apodrecido. Um semblante furioso modelou a face daquela coisa, deixando evidente que a presença da garota ali era indesejada. Aquilo fez a jovem entender que não estava tendo um sonho, e sim um pesadelo. Revirou os olhos, sentindo-se aborrecida.

Patético. Não sou mais criança pra ficar com medinho de pesadelos... Cérebro, você vai precisar de algo muito melhor do que uma velha feiosa pra me assustar.

Achando graça da situação bizarra que seu inconsciente lhe fazia vivenciar, Juliana ignorou a presença da mulher e caminhou a passos largos até o quadro-negro. O olhar da velha a acompanhou o tempo todo; seus dentes amarelados trincavam. O riscar do giz sobre o quadro acelerou. Juliana frustrou-se ao constatar que não havia ali frase alguma para ser lida, apenas um punhado de rabiscos sem sentido.

Parecem muito com os desenhos na caverna. Que pesadelo mais doído...!

O ruído provocado pelo giz tornava-se mais e mais irritante. Juliana se pôs a observar a velha, que agora fazia movimentos circulares com a mão. O desenho de um anel surgia aos poucos no quadro, formado por uma sequência de círculos irregulares pouco maiores que o diâmetro de uma bola de futebol. Aos poucos surgia dentro do anel a figura de um crânio. Um crânio humano estilizado e enigmático.

Quanto mais a assombração girava com o giz no quadro, mais intenso tornava-se o contorno do anel, até que algo muito estranho aconteceu: o crânio ali representado passou a emitir uma luz esverdeada, tal qual um farol. Desconfortável diante daquela visão, Juliana procurou se afastar do quadro-negro, mas este aumentava de tamanho a cada passo dado pela menina.

A velha fantasma soltou uma risada incômoda que penetrou nos ouvidos de Juliana e os entupiu, como se alguém a tivesse atirado dentro de uma piscina profunda. O crânio esverdeado estava agora tão grande quanto uma casa de dois andares, e sugava para dentro tudo o que havia ao redor. Aos gritos, a aberração deixou-se tragar pelo buraco negro. Juliana sentiu os olhos lacrimejarem quando seu corpo girou pelo ar. Tentou se agarrar às mesas, mas tudo na sala de aula rodopiava junto com ela.

Juliana soltou um grito ao ser tragada para a escuridão.

O silêncio a envolveu por completo, como se desejasse esmagar-lhe o corpo. Imagens assustadoras invadiram sua mente sem que ela pudesse fazer qualquer coisa para evitá-las: viu seus pais atacando-a como se não a conhecessem mais; viu seus melhores amigos morrerem, sem que ela pudesse ajudá-los; viu criaturas abomináveis vivendo num mundo que ela sequer saberia descrever de tão pavoroso; viu lugares que frequentava desde criança serem reduzidos a cinzas.

A cada nova visão, Juliana sentia uma forte pancada na altura do estômago, como se alguém estivesse machucando seu corpo de verdade, em seu quarto. Sem jamais ter vivenciado uma experiência tão desagradável como aquela, teve vontade de vomitar.

No desespero, a menina gritou pelo socorro da mãe. Sabia que dona Glória viria acordá-la para resgatá-la daquele turbilhão de horrores se ouvisse o chamado da filha. Mas a voz da garota não conseguia projetar-se para além de sua garganta, sendo facilmente capturada pelo silêncio angustiante da madrugada.

Juliana descobriu-se, então, envolvida pela mão gigantesca de uma Criatura feita de escuridão, um Ser desprovido de compaixão que a esmagava como se ela fosse um inseto a incomodar-Lhe. O medo apoderou-se da menina, que passou a ter grande dificuldade para respirar.

Será que estou morrendo? Não pode ser...!

— ÉS TU ⊕ AUXÍLI ⊕ QUE ÉLA PR⊕CURA? — questionou o Monstro, exalando crueldade com Sua voz tenebrosa e metálica. — UÍIA ⊕RDINÁRIA CRIANÇA HUITIA-NA?!?

As palavras ditas pelo Ser sombrio soaram confusas aos ouvidos de Juliana. Foi quando, no instante de maior terror, a jovem sentiu uma brisa suave aquecer-lhe o rosto. Ela buscou a origem daquele sopro e encontrou um par de olhos que a encarou de volta. Mas ao contrário dos olhos desfalecidos da velha, aqueles eram cheios de vida, ainda que não fossem humanos.

A menina poderia jurar que eram olhos de gato.

A brisa quente soprava cada vez mais forte. Trazia palavras que não podiam ser ouvidas, mas que Juliana sentia tocarem sua pele, trazendo-lhe enorme conforto.

“Acorde, minha criança. Ainda não é a hora de nos encontrarmos.”



Juliana acordou num sobressalto. Teve a impressão de ter escutado um grito de fúria, mas este desapareceu noite adentro.

A primeira coisa que viu foi o ventilador de teto, mas este jamais lhe parecera tão próximo de sua cama quanto naquele instante. Achando aquilo estranho, a garota olhou para os lados e logo percebeu que havia algo bastante errado. Ao girar o corpo, viu que conseguia olhar para baixo, e foi então que compreendeu que estava flutuando a quase dois metros acima de sua cama.

O que... o que está havendo?!?

A resposta veio em seguida: lençóis e colchas se contorceram em espiral, o encosto da cama aumentou de tamanho e se curvou pra frente, junto com as paredes do quarto que rangiam e estalavam, como se a casa estivesse viva. Tudo ali dentro começou a se transformar e a escurecer.

Então veio o fogo, e este se alastrou pelas coisas, destruindo tudo o que Juliana mais gostava. Eram chamas incomuns, de coloração esverdeada e aparência sinistra, que mais lembravam espectros. Eis que, por fim, emergiu das brasas uma superfície metálica rugosa, um elmo terrível de onde brotavam chifres enormes que passaram pelos lados de Juliana até irem bater no teto, destruindo-o. Por trás do capacete de ferro, a Criatura falou:

— SAIBA QUE TEU PESADELO NÃO TERITINA AQUI, HUITIANA.

A gravidade voltou a agir sobre o corpo da menina fazendo-a despencar sobre o metal, que estava quente e queimou-lhe a pele.



Juliana acordou com um berro alto e estridente. Pensou que a mãe a teria escutado, mas ninguém veio vê-la. Lembrou que seus pais tinham o sono pesado e concluiu que teria sido esta a razão por não terem vindo em seu socorro.

Estava completamente molhada de suor. Não havia sobre ela cobertor algum e o quarto estava tão quente quanto antes de ela ir dormir. As janelas estavam secas e escancaradas, sem qualquer indício de chuva. A menina se deu conta de que fora enganada por seus sonhos.

Será que agora eu acordei mesmo?

Olhou ao redor e sentiu alívio ao reconhecer suas coisas e ver que continuavam inteiras. Tateou a mesinha ao lado da cama e apanhou o copo de água que sua mãe deixava para ela toda noite. Bebeu quase tudo num só gole. Acendeu a luz do despertador e viu que ainda eram quatro da manhã. Sentindo que o ar lhe faltava devido à asma, apanhou a bombinha e inalou uma dose de remédio bronco-dilatador. Aos poucos, o ar voltou a preencher-lhe os pulmões.

Juliana apanhou seu bloquinho de anotações e uma caneta. Olhou para o papel em branco e permaneceu imóvel por vários minutos. Não conseguia se lembrar de absolutamente nada do pesadelo que acabara de ter. Sabia que havia sido algo aterrador, mas o conteúdo acabara de lhe escapar, juntando-se a tantas outras memórias que seu cérebro julgava sem importância e tratava de ignorar.

Mais relaxada, Juliana voltou a se deitar. Largou bloco e caneta no chão. Cinco minutos depois estava dormindo novamente.

Em paz e a salvo.